

# JOSÉ ARAS: UM SERTANEJO DE MUITAS FACETAS

Adriana Gonsalves da Silva Fontes  
Maria Conceição Reis Teixeira

**RESUMO:** José Aras, nascido em 1893 na Vila do Cumbe, atual Euclides da Cunha, Bahia, foi um homem com múltiplas facetas: pesquisador, prosador, folclorista, autor de cordéis, escritor, descobridor de água no subsolo. Um autodidata que, desde cedo, demonstrou interesse pela leitura e pela escrita. Em suas obras, ele buscou preservar a história e memória do sertão baiano, especialmente a da Guerra de Canudos, que ele viu de perto. Homem visionário, foi o primeiro a idealizar a construção de um povoado nas proximidades do antigo arraial de Canudos, que ele chamou de Bendegó, em homenagem ao meteorito que caiu na região em 1784. Faleceu em 1979. José Aras foi um homem importante para a história e a cultura do sertão baiano, seu legado continua vivo e inspira novas gerações de pesquisadores e divulgadores da região.

**PALAVRAS-CHAVES:** José Aras. Canudos. Sertão. Memória.

**RESUMEN:** José Aras, nacido en 1893 en la Vila do Cumbe, actual Euclides da Cunha, Bahía, fue un hombre de múltiples facetas: investigador, prosista, folclorista, autor de cordel, escritor, descubridor de agua subterránea. Autodidacta desde temprana edad, mostró interés por la lectura y la escritura. En sus obras, buscó preservar la historia y la memoria del sertão baiano, especialmente la de la Guerra de Canudos, que vio de cerca. Hombre visionario, fue el primero en concebir la construcción de un pueblo en las cercanías del antiguo arraial de Canudos, al que llamó Bendegó, en honor al meteorito que cayó en la región en 1784. Falleció en 1979. José Aras fue un hombre importante para la historia y la cultura del sertão baiano, su legado sigue vivo e inspira a nuevas generaciones de investigadores y divulgadores de la región.

**PALABRAS CLAVE:** José Aras. Canudos. Sertão. Memoria.

## 1 O PERCURSO DE JOSÉ ARAS: HOMEM E OBRA

*O sertão e os sertões. A palavra no singular, assim como no plural, nos remete a uma grande diversidade de regiões. Esse é o caso do Cumbe que chegou a ser denominado o Oásis do Sertão.*

*Lina Aras*

A epígrafe que abre esse escrito nos faz refletir acerca da importância das palavras para dizer do universo que cercam a região do semiárido e do quanto essas palavras despertam memórias afetivas em quem desde a infância ouve e lê aqueles que são guardiões

da cultura, história e memórias do sertão e dos sertões.

Dentre as práticas de construção e preservação da memória estabelecidas em sociedade, ressaltando a importância da oralidade, a escrita ocupa lugar essencial pelas inúmeras possibilidades que oferece, entre elas a partilha de sentimentos e pensamentos condensados em experiências. Escrevemos porque o mundo nos afeta e a realidade muitas vezes nos incomoda. No processo histórico, a escrita reverenciou deuses, criou pensamentos e produziu arte para além do tempo e do espaço, sendo fundamental para a preservação da memória e do patrimônio cultural da humanidade, por isso, escrevemos também para nos tornarmos imortais. De acordo com Albuquerque (2011, p. 90), “usar-se-á sobretudo o recurso à memória individual ou coletiva, como aquela que emite a tranquilidade de uma realidade sem rupturas, de um discurso que opera por analogias, assegurando a sobrevivência de um passado que se vê condenado pela história”. Na escrita de Aras, é possível confirmar a importância que ele dava para a preservação da memória individual, embora realizasse suas pesquisas por meio da memória coletiva, tendo em vista que o autor:

[...]se utilizou de fontes manuscritas e orais, colhidas da tradição local e da memória coletiva. Buscou, com os recursos do seu tempo, escrever uma história dentro das tendências e formas vigentes no período em que narrou. Avançou na valorização da cultura, ao revelar as práticas existentes, a alimentação, os festejos e as crenças (ARAS, 2003).

O trecho supracitado revela o seu desejo em ser imortalizado e imortalizar a história do seu “torrão adorador”, como descreve no hino criado por ele para a cidade de Euclides da Cunha, sertão baiano, sua terra natal. Assim, José Aras, nascido na roça, antes do alvorecer do século XX, e criado na lavoura do Cumbe do Major, desejou ter seu acervo estudado e eternizado pela academia.

Pretendo, nessa incursão por sua vida e obra, apresentar questões biográficas de um homem que, enquanto produtor de cultura, garimpeiro da memória sertaneja, proporcionou a muitos do sertão canudense e demais públicos-leitores o acesso à cultura do semiárido, permitindo, sobretudo, a disseminação da história da guerra contra Canudos, um dos principais acontecimentos da historiografia brasileira do final do século XIX, conforme escreve sua neta, a professora Lina Aras, no Prefácio do livro *No sertão do Conselheiro*:

Apesar de ter frequentado pouco os bancos escolares, seu texto revela um observador afinado com os acontecimentos ocorridos além das fronteiras do antigo “Cumbe” e leitor dos textos produzidos sobre a História Geral e a do Brasil. Utilizou[...] uma divisão que revela seus vínculos com a historiografia produzida nos Institutos Históricos por todo o Brasil (ARAS, 2003).

Embora Aras tenha sido um menino alfabetizado por um mestre-escola<sup>1</sup>, um professor que se hospedara em casa de seus pais durante três meses, usando os gravetos das árvores da caatinga como seus lápis e o chão batido do terreiro da casa onde morava como caderno, afrontou os limites da escola, e, sendo autodidata, aos seis anos, o menino fez poesia, desenvolvendo a habilidade de realizar suas primeiras leituras. Sempre muito curioso, através de suas observações, desejo e ânsia em preservar as memórias do sertão, audaciosamente, escreveu várias obras: prosas, cordéis, narrativas, caracterizadas por serem memórias mítico-poéticas, uma vez que carregavam desde a linguagem jornalística, até a cultura regional.

No Cumbe, trabalhou como auxiliar de tabelião, com isso, mantinha contatos com livros, o que lhe despertou a ânsia irrefreável pelo saber. Nenhum livro do padre, do coletor federal de impostos ou de eventual mascate que por ali passasse, deixou de ser por ele manuseado ou adquirido. Dessa forma, Aras prova que o ser humano é imensuravelmente maior que o espaço onde ele habita, haja vista poder se tornar eterno, por meio dos seus escritos, pois, o escritor, mesmo morrendo, deixa uma imensidão de mistérios a serem descobertos, que de fato, continuam sendo fontes de transmissão da memória e preservação da história cultural.

Sua escrita satírica era temida pelos administradores da Vila do Cumbe, que o tinham como adversário terrível, por outro lado, seus repentes, suas poesias e suas glosas encantavam seus conterrâneos. Aras encantava pelo conhecimento que possuía, pois, mesmo sem frequentar os bancos escolares, sem pisar o chão da escola, aprofundou-se em história, bíblia, geografia, filosofia, astronomia, astrologia, hidrografia e geologia, estas principalmente em razão do drama vivido pelo sertanejo com as secas periódicas e em razão de vibrações que sentia em seu corpo ao passar por lugares onde existia água subterrânea, cujo fenômeno identificou, mais tarde, chamar-se radiestesia<sup>2</sup>.

José Aras escreveu a história tendo como base aquilo que também vivenciou, suas obras possuem características marcantes de suas vivências, pois, muitos episódios narrados foram por ele testemunhados ou deles participou na infância, na adolescência, na maturidade e até na velhice.

Na apresentação de uma de suas obras, *No sertão do Conselheiro* (2003), escreve: “Hoje, ao reverenciar a minha terra, registro o dever que temos de imortalizar os feitos e os vultos de nossos antepassados que fundaram e fizeram o seu engrandecimento”. Isso reforça o desejo de imortalizar a memória sertaneja e ser eternizado através dela. Assim, Aras descreve, com objetividade e sentimento de sertanejo, o massacre da gente humilde

---

1 Profissional, muitas vezes leigo, responsável por ensinar as primeiras letras, as operações matemáticas básicas, e outros conteúdos básicos de leitura, escrita e cálculo.

2 O estudo da radiestesia para poço artesiano é uma técnica milenar e que vem sendo empregada com sucesso no enfrentamento da seca na região nordeste do Brasil. Trata-se de uma técnica que utiliza pêndulos e varas para a indicação do local mais apropriado para a perfuração de um poço artesiano profundo.

de Canudos, vitimada por uma guerra injusta. Narra, com a emoção de um filho da terra, sentindo-se vitimado.

Acerca desse sentimento de vitimismo, Albuquerque (2011, p. 31) questiona:

Por que dizemos com exaltação e rancor que somos esquecidos, que somos menosprezados e vítimas da história do país? Que mecanismos de poder e saber nos incitam a colocarmo-nos sempre no lugar de vítimas, de colonizados, de miseráveis física e espiritualmente? Como, por meio de nossas práticas discursivas, reproduzimos um dispositivo de poder que nos reserva o lugar de pedintes lamurientos, produzimos e reproduzimos um saber em que sentimos prazer de dizer e mostrar que somos pobres coitados? Que masoquismo é esse que faz nos orgulharmos dessa discriminação, que faz aceitarmos felizes o lugar de derrotados, de vencidos? E, principalmente, o que leva uma classe dominante a se deleitar em afirmar sua impotência e se assumir como subordinada e dependente?

Ao que respondo, porque foi essa a constituição das memórias que escritores como Euclides da Cunha imprimiram em nossa sociedade, e isso foi perpetrado por aqueles que queriam que continuássemos nos vendo como vítimas do sistema, não é à toa que o lema da região é “O sertanejo é antes de tudo um forte”, frase celebre, e descontextualizada, da obra *Os Sertões*. Cunha, com seu pensamento determinista, considerava sim que a mestiçagem enfraquecia as raças, mas era inevitável. Para o autor os sertanejos eram atrasados, retrógrados. Porém admitia que em se tratando de sertão, apenas o sertanejo é tão forte e tem as características próprias para se adaptar à região e suportar o martírio da seca.

## 1.1 UM HOMEM COM DIVERSAS FACETAS

José Soares Ferreira Aras, conhecido como José Aras, nasceu aos 28 de julho de 1893 – ano em que Antônio Conselheiro e seus seguidores chegaram a Canudos – no Sítio Lagoa da Ilha, na então Vila do Cumbe, hoje Euclides da Cunha, na época município de Monte Santo, freguesia da Santíssima Trindade de Massacará<sup>3</sup>. Era neto paterno do capitão José Higino Lobo e neto materno de João Bento Soares, filho do casal José Raimundo Soares e Joana Maria do Espírito Santo e marido de Maria Benevides Aras. Faleceu em Euclides da Cunha, a 18 de outubro de 1979.

Pesquisador, prosador e o primeiro da região a contar em versos de cordel e em prosa a história da guerra de Canudos, na visão dos sertanejos, conforme registrou o historiador, pesquisador e folclorista, José Calasans Brandão da Silva, que foi seu hóspede

---

<sup>3</sup> Terra Indígena, município de Euclides da Cunha-BA; área de terra do sertão baiano, precisamente entre as bacias do rio Itapicuru e do Vaza Barris. Tendo por centro de seu território a Igreja da Santíssima Trindade de Massacará, fundada por missionários jesuítas em 1639.

em Bendegó. Aras foi, também, o idealizador da mudança do nome da Vila do Cumbe, sua terra natal, para Euclides da Cunha, por Decreto do então interventor Landulpho Alves. Quando aconteceu a 1ª Semana da Cultura de Euclides da Cunha em 1972, compôs a letra do hino oficial do município; com a emancipação política de Cocorobó, o hino sofreu alterações para evitar equívocos históricos.

No início dos anos 1940, em suas andanças pelo sertão, deslumbrou-se por uma localidade nas proximidades do destruído arraial de Canudos, no cruzamento das estradas Transnordestina – BR 116 e transversal – BR 235, nas “fraldas” da Serra da Várzea, em 1948, resolveu que ali construiria um povoado ao qual viria a chamar Bendegó, para lembrar o meteorito caído no município de Monte Santo, descoberto em 1784 e levado para o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

## **1.2 DA PEDRA SE FEZ POVOADO E MUSEU: O BENDEGÓ**

*Por muito anos foi aqui adorado  
O Bendegó - famoso meteorito  
Nosso sertão um jardim em festa  
Foi escolhido lá no infinito*  
*José Aras*

Essa era uma das muitas memórias de Aras e que ele relatava aos que procuravam para conhecer mais acerca do semiárido. Ele dizia que o Brasil ainda era uma colônia de Portugal, em 1784, quando um garoto pastoreava o gado com o pai, próximo ao riacho Bendegó, na região de Canudos, avistou uma pedra com a superfície gelada. No ano seguinte, o Governador-Geral da Província, D. Rodrigo José de Menezes requereu transporte da pedra até a capital da Bahia para que fosse estudada. O estudo revelou uma grossa camada de ferro oxidado que evidenciava o longo tempo da pedra ali e o fato de que sua massa original era maior. Retirá-la do local onde caiu não foi tarefa fácil, na primeira tentativa de retirada da pedra, ela rolou e ficou dentro do Riacho Bendegó por mais de um século, porém, durante esse período Bendegó não ficou esquecido.

Transcorridos 103 anos desde a primeira tentativa de retirada da pedra do local onde havia caído, só no ano de 1887, o Imperador D. Pedro II autoriza sua remoção para o Rio de Janeiro, tornando-se uma verdadeira epopeia. Construíram um marco para sinalizar o local da queda do meteoro, mas a população revoltada com o “sequestro” da pedra do Bendegó, destruiu o monumento.

A história da ida do Bendegó para o Rio de Janeiro foi marcada por uma sequência de obstáculos, mas principalmente, pela perda de um objeto da cultura da região, que tem o sentimento místico de que o meteorito representa o prenúncio da chegada de Antônio Conselheiro. Acredita-se que a retirada do Bendegó de seu local de origem, implicou numa grande seca. O seu retorno, percorrendo o mesmo caminho de sua ida, é um sonho

e um projeto que representa a reconstituição da memória do sertanejo e o sentimento de pertencimento e valorização da cultura.

Quanto a criação do povoado Bendegó, e conseqüentemente, do museu da guerra, iniciou-se com a construção de uma casa para hóspedes, tendo como principal finalidade salvaguardar a memória de Canudos, já que, segundo o próprio Aras, estava fadado ao esquecimento total. Sobre isso, escreve:

não se faria justiça àqueles pobres infelizes trucidados a sangue frio, “sem ar, sem luz, sem razão”, como disse o poeta. Por que não se aprofundar no assunto e descobrir a verdadeira causa do massacre? Por que não pesquisar sobre a vida do Conselheiro e dos seus seguidores? Por que não responder a todas as perguntas que ficam no ar? Não era possível continuar com tanta omissão! E se fazia necessário e urgente a sua remissão, o resgate de toda a verdade! Reunindo os objetos utilizados na guerra, que consegui durante o recenseamento, instalei um pequeno museu, que servia de atração para os viajantes que demandavam ao norte e ao sul, e vice-versa. Assim foi que o povoado ficou sendo parada obrigatória para os ônibus, automóveis e caminhões (ARAS, 2009, p. 234).

Para continuar defendendo a memória de Canudos, fixou-se em Bendegó, vendendo seus cordéis sobre Canudos e mostrando o acervo da guerra aos visitantes. À noite, isolava-se para compor seus versos, ocasião em que precisava de concentração total e por isso, proibia que crianças transitassem em sua calçada. Nos anos 50 do século XX, na localidade, já havia casas rústicas, de telhas, todas hospedarias, em vista do crescente movimento de veículos pesados, além de centenas de carros pequenos, cujos ocupantes ali procuravam fazer refeições e descansar. Assim, o Bendegó foi se expandindo. Referindo-se à criação do povoado, versejou:

Brito fez Cocorobó  
Aliado ao vizinho,  
E José Aras sozinho  
Construiu o Bendegó  
Todos tiveram ajuda  
O Aras construiu só (ARA, 2009, p. 236)

Por seus grandes feitos, Aras recebeu títulos de cidadania, diplomas e medalhas de órgãos públicos. No centenário de seu nascimento, foi homenageado em seu *torrão adorado*, sendo lembrado no congresso Nacional pelo Deputado baiano, Sérgio Tourinho Dantas.

Era visto como um homem de cultura, com grande sensibilidade, viveu a saga dos seguidores do Conselheiro, escrevendo *Sangue de irmãos: Canudos por dentro*.

Para o historiador José Calasans Brandão da Silva, José Aras foi o primeiro observador do massacre de Canudos sob a ótica do sertanejo, e não pela versão oficial dada pelo Estado. De acordo com ele, em palestra proferida quando das comemorações

do Centenário de Nascimento de Aras, a 28 de julho de 1993, em Euclides da Cunha – Ba, “José Aras representou uma fase nova na pesquisa sobre Canudos no seu conhecido livro, *Sangue de Irmãos*, na parte propriamente histórica, e no seu folheto de cordel, *Meu Folclore - Guerra no Sertão de Canudos*. Sobre este último uma curiosidade: Aras usou um pseudônimo J.Sara para escrevê-lo.

O trabalho desenvolvido por José Aras compreende, portanto, além do aspecto folclorista, o aspecto do pesquisador histórico. Franklin Machado, em entrevista concedida a Ana Naara de Almeida Cunha Moura, quando realizava sua pesquisa da graduação em Letras, no ano de 2014, afirma que,

José Calasans conheceu José Aras devido ao contato que ele tinha com os jagunços remanescentes da Guerra de Canudos, e Calasans então começou a entrevistá-lo para conhecer mais sobre a história, o que, por consequência, dispensa eterna gratidão a Aras. E supõe: “provavelmente Mario Vargas Llosa, escritor peruano, com prêmio Nobel em literatura, entrevistou José Aras na escrita do livro *A guerra do Fim do Mundo*” (MOURA, 2014).

De acordo com Calasans, a década de 1950 é um divisor de águas nos estudos sobre a guerra de Canudos, pois até então, “toda gente que escrevia sobre a tragédia sertaneja de Canudos, baseava-se na obra de Euclides da Cunha”, autor que “aprisionou o Conselheiro na Gaiola de Ouro de Os sertões”. Antes dos anos 50 do século XX, ninguém se interessava em ouvir a história da guerra contada pelo outro lado, o que se sabia sobre Canudos no mundo inteiro era do ponto de vista dos vencedores. Contudo, os depoimentos dos conselheiristas que foram sobreviventes da guerra, por serem sertanejos, começaram a circular juntamente com as pesquisas de José Aras. Desta forma, esse trabalho de escuta realizado por ele tem sido um dos mais significativos no âmbito cultural de sua atividade de escritor; o que fez com que estudiosos da história, literatura, geologia, enfim, os pesquisadores da academia o procurassem para receberem informações relevantes acerca do massacre de Canudos, como testifica o próprio Calasans (1993, p. 7):

Quando projetei pesquisar material para uma tese de concurso sobre Canudos, que apresentei à Faculdade de Filosofia, quando fiz Livre Docência em História do Brasil - Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro-, o Dr. Arnaldo Ferreira que dirigia as obras do DNOCS. falou-me novamente de José Aras. E alguém avisou a Aras do meu trabalho de pesquisa. E um belo dia, ele me telefonou, colocando à minha disposição os seus conhecimentos sobre a água. Tempos depois, escreveu-me dizendo que, em Bendegó eu tinha uma casa para pesquisar Canudos. Há pouco tempo, na Academia de Letras da Bahia, uma ilustre figura da cultura baiana contemporânea, falando dos seus estudos, dissera que obtivera Bolsas de Estudos na França e nos Estados Unidos para realizar suas pesquisas. Disse-lhe, então: pois eu para estudar Canudos, tive, apenas uma Bolsa de Estudos de José Aras.

Segundo Oliveira (2020), além das habilidades com as letras, José Aras “[...] tinha uma habilidade/profissão que o fez peregrinar pelos sertões adentro: previa com facilidade um veio de água, sua profundidade e a qualidade da água”. Era um profundo conhecedor da natureza local e compartilhava seu saber com os conterrâneos e contemporâneos, tornando-se uma grande personalidade na região, admirado e respeitado até por seus desafetos.

Poeta espontâneo, Aras soube aproveitar essa inata vocação para desenvolver sua escrita fazendo uso das notícias que recolhera na tradição oral em suas andanças por toda a região Nordeste. Assim, ouvia tudo o que o povo vivia repetindo sobre a guerra e Antônio Conselheiro, velhos temas, ou ouvindo novas concepções. Em suas palavras:

Foi neste sertão que nasci, que a mercê de Deus, tive por pátria estes campos de Belchior Moréia, Robério Dias e Apolônio de Tody.

Desde que fui tomando uso da razão e trabalhando em nosso município, naquele tempo pertencente a Monte Santo, criei-me e desenvolvi-me pelos sertões de cinco Estados procurando sempre trazer aos que me ouviam o pouquinho que adquiri por este hinterland brasileiro (ARAS, 2009, p. 9).

E o vedor d’água surpreendia quando a água brotava na profundidade prevista e na hipótese de ter boa ou ruim a qualidade. Depois de descobrir milhares de cacimbas, escreveu o livro *Como descobrir cacimbas*, dando fundamentos e embasamentos que poderiam facilitar ao leigo possíveis escolhas geológicas ou botânicas.

Homem de grande inteligência e sensibilidade, superava as limitações naturais impostas aos que vivem na região do semiárido, interferindo para minorar o sofrimento dos seus conterrâneos, usando as habilidades de radiestesista para encontrar água no subsolo e suprir a sua escassez. Com a técnica de vedor, muito comum nos sertões nordestinos, conseguia indicar o local a ser perfurado para que jorrasse o lençol freático, ocasiões nas quais era ovacionado, sob admiração e alívio do povo sertanejo. Porém, de acordo com José Jorge Radan, editor do livro *No sertão do Conselheiro* (2003),

[...] ele não se limitava a ser um descobridor de águas: tornou-se escritor, poeta repentista espontâneo, retratando, inclusive, a saga da Guerra de Canudos, de forma criativa recolhida na oralidade, compondo um admirado conjunto de literatura de Cordel. José Aras conseguiu quebrar os grilhões dos seus próprios limites e foi mencionado e aplaudido por homens de letras e pesquisadores, como o saudoso professor José Calasans, apontando-o como intelectual e fonte de pesquisa muito importante no desvendar da história sertaneja (RADAN, 2003, [orelha da capa]).

É possível que, por ter convivido desde os primeiros anos de vida com a história oral, ouvindo de seus pais relatos do famigerado embate, tenha se tornado um dos principais pesquisadores e escritores sobre a temática do sertão do Conselheiro na região do

semiárido. Ressalta-se que grande parte dos seus escritos foram coletados em depoimentos de sobreviventes e de descendentes de sobreviventes da guerra, durante suas viagens pelos caminhos do sertão. Leitor voraz de tudo o que se reportava à guerra, debruçou-se por anos nos estudos da obra seminal do escritor Euclides da Cunha, *Os Sertões*; obra essa que descreve o sertão, sua gente e o líder do movimento messiânico de Belo Monte, Antônio Conselheiro e seu séquito.

Aras se difere de Euclides não apenas na maneira simples de descrever o sertão, mas, também, por ser ele um homem sertanejo e conhecer a realidade de quem vive no sertão. Em suas palavras, diz que “É aí, nesse termo de terra seca, onde se encontra o homem mais resistente do Brasil, mesmo, durante anos, desprovido de qualquer assistência social, mal alimentado e sem instrução [...]” (ARAS, 2009, p. 9) que vive o sertanejo. O autóctone do sertão é força e resistência.

Sobre seus escritos, pode-se encontrar registro histórico-crítico acerca dos costumes da região e da guerra de Canudos, bem como textos diversos envoltos pelos ares sertanejos, trazendo à tona as diversas possibilidades de pensar/viver o sertão. Evidente que tais memórias foram recebidas por intermédio do constante contato com os que viveram a construção e destruição de Belo Monte, haja vista ter convivido com remanescentes do massacre, assim como com muitos conselheiristas.

Temos na atualidade, na área dos estudos de História, uma compreensão mais nítida resultante dos depoimentos orais, uma tendência a comparar aquilo que se diz daquilo que se escreve. Advirto, evidentemente, que não se pode substituir documento, parte essencial do pesquisador histórico, pelo depoimento oral para o entendimento da matéria. No entanto, sobre a guerra de Canudos, uma luta em que viveram, sofreram morreram os sertanejos, ouvir suas informações, tornou-se um elemento essencial, mas, nem todos dão ao depoimento oral, a oralidade, o seu devido valor, mesmo que não seja fácil reconstituir a história ouvindo apenas os depoimentos pessoais. Ademais, torna-se impossível uma história sem a participação do depoimento oral, sobretudo no caso dos sertões, onde os elementos locais desapareceram com o decorrer do tempo e ficaram valendo, apenas as folhas dos documentos da época da guerra, uma época em que a imprensa tomou posição agressiva contra Antônio Vicente Mendes Maciel e seus seguidores.

Calasans (2009, p. 8), no prefácio de *Sangue de irmãos*, diz que “quem se resolve escrever a história de Canudos baseado apenas daquilo que a imprensa publicou à época da guerra, terá uma imagem, sem dúvida alguma, desfigurada do que foi aquele fenômeno do século passado”. Para manter a memória de Canudos viva até a contemporaneidade, a forma de trabalhar essa história, tem sido recolher as informações orais, e o campo para isto é o sertão, onde, ainda, mesmo que não existam mais os combatentes, estão vivos os seus descendentes, e foram eles a nutrir as memórias do menino José Aras, conforme escreve em *Sangue de Irmãos*:

Continuava a ouvir outros e mais outros fatos narrados por meus tios, à medida que iam lembrando. Não desviava a atenção um segundo, gravando tudo, como se eu fosse um papagaio do sertão ou um gravador da atualidade, pois naquela época não os havia. E ainda, perguntava o porquê de tudo que aconteceu. Meus tios e meu pai tinham prazer em me explicar tudo, satisfazendo a minha extrema curiosidade, e se alguém dizia que eu era muito perguntador, meu pai com toda prudência de sertanejo modesto, respondia: “Quem pergunta, quer saber” (ARAS, 2009, p. 207).

Instigado pela curiosidade, por tudo que leu sobre o tema, e especialmente por tudo o que ouviu e vivenciou entre os seus, apresenta testemunhos de sobreviventes e de seus descendentes sobre a guerra, com riqueza de detalhes, revelando um olhar de exímio conhecedor de todas as nuances dos fatos narrados/descritos. Dessa forma, o amor de Aras por seu Torrão e suas origens, o fez lançar-se à tarefa de recolher tudo o que podia se relacionar com o sofrimento dos sertanejos de Canudos, incentivando os moradores a buscarem objetos daquela guerra injusta para que a história pudesse registrar os horrores, o ódio e a incompreensão de uma sociedade desigual, onde, até hoje, o latifúndio, a exploração do sertanejo e o seu abandono teimam em moldar a nossa sociedade.

Em suas viagens a Salvador, causou admiração pelos seus dotes plurais, assim, fez grandes amizades como com D. Rafael Wacker, abade do Mosteiro de São Bento, com o governador Landulfo Alves – a quem pediu para mudar o nome de Cumbe para Euclides da Cunha –, Francisco Andrade Neto e outras importantes figuras da política da Bahia. Concedeu entrevistas aos principais jornais da capital e de São Paulo (como *A Tarde*, o *Imparcial*, o *Estado de São Paulo*).

Ao longo dos seus 85 anos de vida, desempenhou vários papéis sociais, dentre eles, destacam-se, pesquisador, repentista, crítico dos costumes de sua terra, escritor especializado sobre a guerra de Canudos, poeta e colecionador de artefatos bélicos referentes à guerra de Canudos. Um homem preocupado com as riquezas arqueológicas do Estado e com a memória nacional, organizou o único museu do interior, o extinto Museu da Guerra de Canudos, no povoado de Bendegó, reunindo fósseis e todo o tipo de armas usadas na guerra do sertão.

Sua paixão pelos artefatos bélicos teve início quando trabalhou como recenseador no Censo na região do conflito, em 1920. Em suas visitas aos remanescentes da Guerra de Canudos, coletava os artefatos utilizados durante os confrontos pelo exército e pelos conselheiristas. Atualmente, a coleção de armamentos, bem como diversos objetos pertencentes à sua coleção particular, encontra-se expostos no Museu João de Regis – MJR, sob a guarda do Campus avançado da UNEB, em Canudos.

De acordo com Moura (2019, p.29), “pode-se considerar inicialmente, que a figura de José Aras, não se limita à imagem do poeta e escritor, mas de um homem cuja escrita é também resultado dessa sua pluralidade”.

Lina Aras, na ocasião da inauguração do MJR, inicialmente inaugurado como Museu José Aras, em 2020, diz: “espero que a nova Canudos e os sertanejos em geral, ao receberem este legado, compreendam o quanto o potencial de força, de combatividade e de heroísmo estão latentes no âmago de cada um, capazes de transformar, para melhor, nosso país e nossa gente”. Essa fala nos desperta a memória de quanto o sertanejo é forte e potente, não porque Euclides o disse, mas porque o sertão é resistência.

Face ao exposto, o homem aqui revelado, merece ser reconhecido, de modo que se compreenda desde a sua misticidade à sua memória, representadas pelo acervo pertencente à Universidade do Estado da Bahia, divididos entre o DCHT - Campus XXII, Euclides da Cunha e o Campus Avançado de Canudos, nos seguintes equipamentos: Museu João de Régis e Laboratório de Arqueologia. Há ainda que reafirmar que “a ânsia de reverenciar a sua terra e a sua gente, de caminhar sertão adentro, aventado pela caatinga, fomentou a necessidade de compreender, engrandecendo, o “contador de águas” (MOURA, 2019, p. 29).

## **2 A OBRA DE ARAS: CAMINHOS PARA A MEMÓRIA**

Os sujeitos desejam preservar os registros de suas vidas como uma imposição social, não apenas como uma forma de instituir/criar uma identidade, mas para assegurarem seus direitos, tanto civis, quanto políticos. Ao longo dos séculos isso contribuiu sobremaneira para a transformação dos espaços privados das casas e dos gabinetes de trabalho, - no caso de José Aras, até os momentos de convivência com estranhos - fossem traduzidos em representações da memória, onde se materializam os acervos pessoais e se evidenciam as histórias dos indivíduos, de seus familiares e grupos dos quais são pertencentes. Sendo assim, os acervos estão necessariamente vinculados à vida, por suas travessias e entrecruzamentos, trazendo à baila marcas dos acontecimentos individuais e coletivos presentes em toda a obra de Aras.

Quando um indivíduo se propõe a escrever suas memórias, um diário íntimo, uma autobiografia ou decide colecionar fotografias, guardar papéis, rascunhos, recortes de jornais, cartas, cadernetas de apontamentos, etc., ele está deliberadamente compondo uma imagem de si que pretende conservar para a posteridade (BARREIROS, 2015). Esse não é um ato inconsciente, desprezioso, mas uma forma de manipular a realidade, pretendendo alcançar futuros leitores, evidenciando o desejo de ser lembrado, ou seja, tornar-se imortalizado. Dessa forma,

[...] os estudos de acervos dos escritores não se limitam apenas às atividades literárias de seus titulares. Muitos escritores também foram intelectuais múltiplos que atuaram em diversas áreas das artes e das ciências ou desenvolveram atividades políticas de relevância e, por isso, tornam-se objetos de estudo da crítica biográfica, da história, das ciências políticas etc. Do mesmo modo,

interessa aos historiadores, sociólogos, etnólogos, antropólogos e filólogos os acervos de pessoas comuns, sem destaque social ou intelectual, mas que acumularam documentos (textuais, iconográficos e outros artefatos) capazes de revelar a história de vida do sujeito, obras literárias e as práticas socioculturais uma época e de lugares específicos (BARREIROS, 2015, p. 31).

Comungando com o autor supracitado, encontramos na coletânea de escritos, *No sertão do Conselheiro* – importante obra organizada e publicada por seu filho Roque Aras, falecido aos 91 anos de idade, em 2023 – vários textos de caráter historiográfico-literário, sempre tematizando eventos ocorridos na região do sertão da Bahia. Há também uma quantidade significativa de poemas que versam sobre o cotidiano e costumes sertanejos, sobre a sua flora e fauna, além de escritos sobre personalidades que atuaram na trajetória de reconstrução e habitação da região. Esta obra apresenta informações que se estruturam numa espécie de linha do tempo, desde a colonização à urbanização do município de Euclides da Cunha, antigo Cumbe do Major, localizado no sertão baiano.

Em *Sangue de irmãos*, o autor intercala fatos históricos da guerra contra Canudos e traços culturais do povo sertanejo, principalmente no uso da linguagem regional, uma característica própria que revela aos poucos a marca cultural valorizadora da população sertaneja, como é possível observar em excertos do livro nos quais o autor deixa transparecer suas reminiscências de menino que viveu no período do massacre.

Os conselheiristas procuravam se acercar dos locais onde as Forças se sediavam, ou nos acampamentos, observando o número daqueles que tinham galões ou estrelas. Diziam eles: “Os macacos dessa vez, são três tantos mais do que os outros do Corta-cabeça”. Disse-me um velho canudense: “Nos privinimos e apelamos para o nosso bom Jisuis que nos desse a mesma coragem e a mesma força” (ARAS, 2009, p. 172).

Dessa maneira, as reminiscências são vistas pelas lembranças do menino que vivencia a guerra pelo olhar dos seus informantes, porém traduz suas lembranças nas palavras, carregadas de sentimentos e religiosidade, ditas pelos sertanejos. Aras descreve sua primeira viagem à região do massacre, dois anos após o “aniquilamento de Canudos”. Com uma linguagem simples descreve tudo o que vê pelo caminho:

Dois anos se passaram do aniquilamento de Canudos. Meu pai que sempre viajava para a zona, onde tinha um sítio de “criação”[...] satisfazendo minha excessiva curiosidade, levou-me na garupa de sua montaria. Pelo caminho ia me mostrando vestígios das Forças dos conselheiristas: casas, currais e roças queimadas, variantes, pedaços de baeta, marmitas velhas de flandres atiradas ao mato, além de outros objetos que o tempo não conseguira destruir totalmente. [...] Passei assombrado durante longo período, com aquelas narrações chocantes para minha idade (seis anos), de modo que só conseguia dormir junto a meu pai (ARAS, 2009, p. 201).

Na obra *Sangue de irmãos*, o autor descreve os horrores da guerra pela ótica do sertanejo, deixando fortes marcas do seu pertencimento a essa terra, que apesar de suas desfavoráveis condições de vida, ainda compreende uma comunidade cultural, que representa a identidade do Brasil. Ademais, a grandeza de José Aras é reverenciada pela sua participação como protagonista de sua própria obra. Diferente de Euclides da Cunha que descreve o sertão como pertencente a um regime desértico e o sertanejo como “Hércules-Quasímodo<sup>4</sup>”, para ressaltar a contradição aparente da própria existência do humano racialmente mestiço, que mesmo com aparência frágil, desgraciosa e fatigada, mostrou-se resistente, hábil e “antes de tudo um forte”; Aras vive no sertão e sente a dor que a guerra e a seca transmitem para assim descrevê-las. E, trazendo em memória os personagens que com ele interagiram, engrandece a verdadeira força que o autóctone possui. Sobre esse testemunho às próprias narrativas, José Aras (2003, p.14) afirma: “Meu aprendizado foi complementado nos caminhos pedregosos e tortuosos do sertão, soprados pelos ventiladores da caatinga matizada e perfumada”, e continua, “hoje, ao reverenciar a minha terra, registro o dever que temos de imortalizar os efeitos e os vultos de nossos antepassados”.

Em sua narrativa, principalmente quando recobra as memórias da infância, o autor traduz com sensibilidade tudo o que sentia ao ouvir de e sobre Canudos, pois mesmo sentindo medo dos relatos sobre a aparência dos mortos da guerra, ficava feliz em visitar seus familiares na fazenda Tragá, localizada próximo ao arraial de Canudos, como podemos ver o trecho que se segue:

queria a todo custo, visitar a feirinha e conhecer o cenário da guerra, tantas vezes descrito pelos outros e ouvido por mim. E tive, para minha alegria, a promessa de meu pai. Alguns dias se passaram. Aproveitando aquele tempo aprazível no sertão, brincava com meus primos, a correr pelos campos matizados de flores silvestres, perfumadas, enquanto ouvíamos o canto saudoso da rolinha “fogo pagou” e os gritos das maracanãs nos ocos das caraibeiras. Tudo isso fazia renascer em mim a lembrança da mãezinha distante. As minhas tias e avó paternas se revezavam em agrados e mimos, e eu, na minha ingenuidade infantil me deixava seduzir mais e mais pelos folguedos ao ar livre! (ARAS, 2009, p. 201).

Desde criança, foi pessoa de vastas relações interpessoais, muitas delas alcançadas e construídas por intermédio das memórias daqueles que fizeram parte de sua história, por isso sua escrita é carregada de experiências pessoais, fatos que vivenciou ao longo da sua infância, perpassando pelo período que trabalhou como recenseador do IBGE e nas

---

4 A expressão “Hércules Quasímodo” é uma comparação feita por Euclides da Cunha em seu livro “Os Sertões”. Nessa comparação, ele associa a força dos sertanejos à figura mitológica de Hércules e a sua aparência física à de Quasímodo, personagem do romance “O Corcunda de Notre-Dame”. Essa comparação enfatiza a ideia de que os sertanejos são fortes e robustos, mas muitas vezes são considerados feios devido às condições adversas em que vivem.

viagens que fazia por todo o Nordeste, ocasião em que produzia muitos textos, sempre acompanhado de seus óculos e do inseparável chapéu, sua produção de cordéis e poemas não se limitava à sua residência, mas eram companhias constantes em suas andanças.

Homem de notório saber, sendo o construtor do seu conhecimento em uma época em que no sertão a escassez não era apenas de água e comida, mas também de professores, intelectuais e pesquisadores, Aras alcançou respeito e admiração, não apenas dos seus conterrâneos, mas também de todas as pessoas que o encontravam e tinham a oportunidade de ouvi-lo, seja sobre Canudos, Cumbe ou amenidades da região, era sempre um sábio expressando o que tanto cultivou na vida, o conhecimento sobre a sua região.

A sua importância de escritor é reconhecida em seu acervo, tanto escrito, quanto museal, ambos doados por sua família à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, além do acervo mobiliário e fotográfico que pertence ao Centro Educacional José Aras em Euclides da Cunha. No âmbito da academia, de acordo com Barreiros (2015, p.31):

os manuscritos conservados pelos escritores passaram a interessar sobremaneira aos geneticistas, que valorizam os rascunhos, os projetos inacabados, o texto em seu processo de construção. As correspondências, os livros das bibliotecas particulares com suas marginalias e os variados documentos preservados pelos escritores têm redimensionado a crítica literária que explora as potencialidades dos acervos. Isso possibilita uma releitura das obras dos escritores em confronto com outras fontes ampliando assim a leitura dos textos.

A obra de Aras constitui-se em uma importante fonte de pesquisa e está sob posse da UNEB/Euclides da Cunha, acessível à comunidade acadêmica para que seus manuscritos e datiloscritos sejam catalogados, editados e preservados da deterioração do tempo e do manuseio, por isso é essencial que seja feito o tratamento arquivístico e de edição textual, para que a memória de Aras e as memórias da guerra não sejam apagadas. É importante frisar que a ameaça da perda da identidade é o que impulsiona e embrinca o desejo de preservar as lembranças.

O acervo divulga tanto o poeta, quanto os textos, cumprindo o papel de manter a memória viva, não a memória tal qual a realidade, mas a memória selecionada em função de interesses específicos. Assim, é importante conhecer o *corpora* para que se conheça a biografia de seu titular, esse arquivo é imprescindível para se vislumbrar a história de vida do sujeito escritor e do sujeito sertanejo.

Conforme já apresentado nesse texto, a produção literária de Aras é vasta. Dentre dezenas de livros de poesia e de história publicados, além das inúmeras cadernetas de anotações inéditas, está *Sangue de Irmãos*, livro que serviu de consulta para o escritor peruano Vargas Llosa, o historiador, pesquisador e folclorista, José Calasans, Clodoaldo G. da Costa, entre outros historiadores pátrios. Esta obra é de imensa importância para

a constituição histórico-cultural e da memória do semiárido sobre o acontecimento de Canudos, mas também para que uma injustiça seja reparada, haja vista ser um texto que dá voz aos vencidos, como bem dizia o professor Calasans.

Sua poesia popular ironiza os costumes e os políticos do início do século XX, canta as belezas e as riquezas da Bahia e do Brasil, os festejos populares, as comunidades baianas e reflete a angústia e a alegria do sertanejo. Como pesquisador autodidata no campo da hidrologia, fez um dos maiores levantamentos dos recursos hídricos do subsolo do nordeste da Bahia, ajudando as populações sertanejas a localizarem, na seca da década de 40 do século passado, mais de 5.000 mananciais de água subterrânea; esse trabalho resultou na publicação do livro *Como descobrir Cacimbas*, para ajudar na descoberta de águas subterrâneas, servindo de fonte de pesquisa em escolas e instituições de nível superior, até os dias atuais.

Devido ao seu vasto conhecimento sobre a guerra e os seus dotes de radiestesista, recebeu destaque em alguns jornais do Brasil, entre eles *O Globo*, do Rio de Janeiro, o *Estado de São Paulo*, de São Paulo, *A Tarde*, *O Farol*, ambos da Bahia e outros do Ceará e Maranhão, além das revistas *Vêja*, *Íris*, *Revista Brasiliense*. Participou do filme de Ypojuca Pontes *Guerra de Canudos*, além de diversos documentários referentes ao massacre de Canudos.

A poesia do Hino do município de Euclides da Cunha, já citado neste texto, é de sua autoria e foi escrito em 1972. A letra exalta o seu torrão adorado, os heróis de Canudos, *Os Sertões* do escritor Euclides da Cunha, o Meteorito de Bendegó, comparando o sertão a um jardim escolhido no infinito.

Por ter imensa preocupação com as riquezas arqueológicas do Estado da Bahia e com a memória nacional, organizou em Bendegó o primeiro e único museu do interior, na época, reunindo fósseis, artefatos bélicos da guerra de Canudos, ex-votos deixados por fiéis em igrejas e capelas do sertão, além de diversos objetos que traduzem a essência sertaneja.

Entre as relíquias do acervo, está uma imagem de São Nicolau, encontrada por uma camponesa, em uma das grutas de Bendegó. É uma estatueta talhada em fino alabastro. Segundo o criador do museu, outros objetos foram encontrados no mesmo local, como um facão e um machado de pedra polida, além de outros mais antigos, como uma capela em bloco, aves, animais, fósseis da época da pedra lascada, possivelmente. A estátua que os religiosos, à época, reconheceram, como sendo de São Nicolau, bispo da cidade de São Leôncio, que reinou como Papa entre os anos de 400 e 500 da Era Cristã, chamou a atenção de escultores que visitavam o pequeno museu.

Objetos que foram usados em Canudos e alguns exemplares de armas usadas durante a guerra, pelos militares e conselheiristas, foram reunidos num pequeno acervo, inicialmente exposto durante anos no povoado de Bendegó, por ter sido ali, também, palco das lutas. Existia uma peça de cada tipo de arma, e, às vezes, duas ou mais, pois a variedade era pequena, apesar da grande quantidade existente. Entre elas, segundo Aras (2009): “mannlicher, comblein, bacamarte ‘boca de sino’, clavinote, garrucha, revólver,

lazarinas, estas carregadas pelas ‘bocas’, com balas de limonita, seixos, pregos, etc., balas de canhão Dum-dum, Krupp, do Withworth 32, cascas e pentes de balas variados, granadas, e outros utensílios”. Há também um quinteiro, antigo medidor de ouro em pó e um turíbulo, incensário usado em liturgias. Vale salientar que todas as peças supracitadas se encontram sob a guarda da UNEB, no Campus Avançado de Canudos, dessas, uma parte está exposta no MJR e a outra acondicionada em caixotes no laboratório de arqueologia do MAC.

A aquisição das peças do museu foi iniciada durante o seu trabalho no recenseamento de 1920, quando entrevistou os remanescentes do conflito. Depois disso continuou reunindo objetos que pertenceram aos conselheiristas, ou que foram usados por eles. Em *Sangue de irmãos*, Aras (2009, p. 238) diz:

Apesar de algumas dificuldades, consegui o meu objetivo, isto é o “Acervo da Guerra de Canudos”, único existente no gênero, com peças exclusivamente, de Belo Monte Foram feitas algumas doações a amigos, pela falta de apoio que não tive, mas, para mim, o mais importante foi a idéia benfazeja de deixar uma fonte de pesquisa para as novas gerações que se sucedem, ampliando os horizontes de seus conhecimentos.

Com a morte de Aras, o museu foi desativado e seus filhos levaram o acervo para Euclides da Cunha; parte foi doada para o Educandário Oliveira Brito, ficando exposta na biblioteca da escola por um longo período, sem tratamento adequado, infelizmente, muitas peças desse acervo foram extraviadas. No entanto, na ocasião em que houve a mudança de nome do Centro Educacional Euclidense para Colégio José Aras, por meio da Lei municipal nº 1292, de 19 de outubro de 2009, que dispões sobre a alteração do nome do Colégio, a mobília do seu escritório, fotografias, objetos pessoais e uma parte das obras foram levadas para a escola, onde foi criado um espaço para salvaguardar o acervo do desgaste do tempo, porém, muitos objetos também se perderam ou foram extraviados.

Sobre o acervo, é importante ressaltar que durante a pandemia de Covid 19 não houve tratamento adequado e todo o trabalho que estava sendo desenvolvido no DCHT XXII, inclusive pesquisas de estudantes do Curso de Letras do departamento ficaram paradas, voltando a ser acessado quando a presencialidade foi autorizada pela universidade, ocasião em que dei início a essa pesquisa.

Já no final do ano de 2020, acontece a construção do Museu João de Régis, inaugurado com o nome de Museu José Aras, uma homenagem ao autor. Porém, devido ao projeto que angariou a verba para a construção, o nome de Aras foi substituído, sendo oficialmente registrado como João de Régis, um dos remanescentes da Canudos conselheirista. Nesse mesmo período, a o acervo museal com todo o material bélico, ex-votos, oratório, peças de ornamentação pessoal, chegam a Canudos e passam a fazer parte das exposições permanentes do MJR.

No jornal *A Tarde*, do dia 16 de abril de 2021, publicou-se um texto com a seguinte manchete: *Um tributo ao sertanejo José Aras*. A notícia de que a Câmara Municipal de Canudos aprovara um projeto de lei, de iniciativa do Executivo municipal, denominando Praça José Aras ao logradouro construído pela municipalidade no Distrito de Bendegó, tornou viável a possibilidade para que Aras pudesse ter finalmente o reconhecimento do seu legado. A matéria “Trata-se de uma justa homenagem devida ao grande intelectual sertanejo, José Soares Ferreira Aras, pesquisador e estudioso dos costumes e das epopeias da histórica região do semiárido baiano”. No entanto, outra vez, assim como substituíram o nome de José Aras pelo de João de Régis no museu inaugurado em 2020, substituíram o nome da praça José Aras por Praça Joãozinho de Osvaldo, em homenagem ao senhor João Tavares Sobrinho, morador da localidade, falecido no ano de 2022. Ressalto que tanto João de Régis, quanto o sr. Joãozinho são dignos de homenagens e de entrarem para a eternidade, porém, com relação a Aras, pode vir a acontecer o apagamento da sua memória, sem que as gerações futuras conheçam aquele que tanto trabalhou na defesa da construção da memória dos que fundaram as origens históricas e culturais da região do semiárido.

Há atualmente um projeto, aprovado e já licitado, de construção de uma nova praça no povoado Bendegó, cujo nome oficial na placa da obra é José Aras, no entanto, espero que dessa vez a homenagem aconteça sem interferências.

### **3 PARA NÃO (SE) DEIXAR ESQUECER**

No Brasil, a maior parte dos acervos de escritores são originados por intermédio da iniciativa de pesquisadores interessados por investigações baseadas em fontes primárias. Destarte, saem em busca dos espólios dos escritores, desenvolvendo um trabalho de garimpagem, tornando-se especialistas em determinados autores e seus acervos.

A respeito ao acervo José Aras, além da necessidade em salvaguardá-lo, preservando a memória cultural de Canudos, evitará o apagamento do homem José Aras, bem como de toda a sua obra e contribuição para a história do desenvolvimento e progresso do semiárido.

De acordo com Barreiros (2015), para que os pesquisadores consigam acesso aos acervos, é necessário aproximarem-se das famílias dos escritores:

Em alguns casos, após ganharem a confiança dos familiares, os pesquisadores agenciam o processo de doação ou consignação dos acervos que passam a custódia de centros de pesquisas, fundações ou universidades. Embora nem sempre esse trâmite aconteça porque, muitas vezes, as famílias não concordam com a abertura dos acervos as instituições não se interessam pela documentação, ou ainda pela inexistência de centros de pesquisas constituídos e habilitados a receberem os acervos (BARREIROS, 2015, p.32).

O acervo Aras tem algumas peculiaridades. embora esteja salvaguardado pela UNEB, está dividido, pois a solicitação da doação da parte literária partiu da iniciativa da pesquisadora Ana Naara de Almeida Cunha Moura, quando, ainda na graduação, iniciou os estudos sobre Aras. Segundo ela:

O acesso ao acervo foi intermediado por uma carta, à filha de José Aras, Adalgisa Aras, solicitando um encontro. Dada a aprovação e posterior convite, teceu-se o diálogo e coleta de informações importantes, sobre o autor, na sua residência em Feira de Santana- BA. Foram disponibilizados alguns arquivos contendo dados históricos e bibliográficos, além do acervo manuscrito, ambos guardados em classificadores. Todo o material supracitado foi dirigido ao Campus XXII da Universidade do Estado da Bahia (MOURA, 2019, p. 34)

No acervo do escritor, existe uma diversidade de documentos que permitem traçar os seus diversos itinerários: literário, político, intelectual, familiar. Por isso, com a mediação do Diretor do Campus Avançado da UNEB/Canudos, Dr. Luiz Paulo A. Neiva, a professora Lina Aras, neta do autor, fez a doação do acervo museal para que, em Canudos, fosse guardada a memória de José Aras e da importante contribuição dada por ele para a preservação das memórias do que foi a guerra contra Canudos, preservando assim a identidade do autor do apagamento do tempo.

Ademais, o acervo de José Aras inscreve-se no rol daqueles constituídos a partir de interesses de pesquisar o escritor e sua obra. Além disso, permite trazer à tona textos inéditos ou impressos que já estão fora de circulação, escritos que revelam características de uma literatura do sertão baiano, ainda pouco privilegiada pela academia.

O interesse em estudar a obra de José Aras motivou a busca por fontes primárias, propiciando o encontro com os documentos que hoje integram o seu acervo. Antes da abertura do acervo para estudo, as únicas referências que se tinha sobre Aras eram apenas pequenos comentários em palestras, site local, comemoração de datas cívicas da cidade de Euclides da Cunha, nos quais o escritor figurava como poeta e ícone da vida cultural da cidade, duas obras editadas por seus filhos e pouco divulgadas, alguns raros exemplares de seus livros que estão preservados em bibliotecas particulares. A documentação do acervo revelou os perfis intelectual, político e literário do escritor.

São poucas as pessoas da comunidade canudense que conviveram com o escritor, mas os que mantiveram contato com ele, ou ouviram de seus antepassados, lembram-se dele como um homem de grande talento para a escrita, sensível, contador de histórias, polêmico ao defender suas ideias.

O acervo de Aras não é um depósito sem vida, pelo contrário, há nele a continuidade da vida do autor e suas memórias. Reconstruir verdades, ressignificar a história, compreender o autor e suas marcas linguísticas, culturais e sociais é o que possibilita vivificar a memória presente no acervo.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**; prefácio de Margareth Rago. -- 5. ed. - São Paulo : Cortez, 2011.

ARAS, José. **No Sertão do Conselheiro**. Salvador: Contexto e Arte Editorial. 2003.

ARAS, José [1953]. **Sangue de irmãos**. ARAS, Roque; MACEDO, Adalgisa Nady Aras (Org.). 2. ed. Revisada. Feira de Santana: EMGRAF, 2009

BARREIROS, Patrício Nunes. ALVES, Tainá Matos Lima. Edição Semidiplomática do Caderno sem capa I de Eulálio Motta. In. **Cadernos do CNFL, vol. XVIII Nº 5– Ecdótica, Crítica Textual**. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O pasquineiro da roça**: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Mota. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015. 334p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 56

DODEBEI, Vera.: Memória, Circunstância e movimento, in: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

MOURA, Ana Naara de Almeida Cunha. **O que dizem sobre José Aras**. Euclides da Cunha. 2014. 1 disco (38 min.): 33 1/3 rpm, microsulco, estéreo. 104.4049.)

MOURA, Ana Naara de Almeida Cunha. **Vestígios de uma história a ser contada: o acervo José Aras**. Monografia – UNEB, Euclides da Cunha. 2019.

QUEIROZ, Rita C. R. ; BARRETO, Josenilce R. O. ; SILVA, Daianna Quelle S. S. . Outros olhares sobre documentos manuscritos baianos: (des)encontros lexicais. In: André Luiz Gaspari Madureira; Celina Márcia de Souza Abbade; Gilberto Nazareno Telles Sobral. (Org.). **Estudos de linguagem: léxico e discurso**. 1ed. Curitiba: Appris, 2019, v. 1, p. 179-196.

RICOEUR, P. 2007. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Unicamp, 536p.

TEIXEIRA, Maria da C. R. Representações dos escravizados: o vocabulário de alguns anúncios publicados em periódicos baianos no século XIX. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org). **Língua, cultura e sociedade: estudos sobre o léxico**. Feira de Santana, BA: UEFS, 2009.